

com preocupações de fidalguia e grandeza. Ele mesmo informa que ela era excessivamente nervosa, no inquérito promovido por Licínio Santos, em *A Loucura dos Intelectuais*, Rio, 1914, pg. 201.

Para desvendar o mundo subjetivo que estua no *Eu*, palpitante de lágrimas e sangue, só a crítica metodológica, de fundo psicológico. Já nesse sentido publiquei um ensaio, lançado em 1962, como despretensiosa contribuição ao cinquentenário do aparecimento do *Eu*. Sem desdouro da modéstia que forcejo por cultivar, estou convencido que penetrei um pouco a alma do poeta, lobrigando nela alguma coisa não revelada até então por qualquer dos seus críticos.

Pareceu-me ver na vida de Augusto um amor sacrificado na idade em que mal havia penetrado a adolescência. Teria 16 anos quando o vento que a desgraça espalha rugiu sobre ele. Viu desfeito, por modo violento, o sonho que enchia de venturas o desabrochar de sua existência. Maior a sua compunção moral por não poder tomar uma atitude de reação que o acalmasse perante a própria consciência. Todo esse quadro eu vislumbrei através do *Eu* e então afirmei que exatamente aí, no capítulo do amor, é que devia começar o trabalho de pesquisa para uma verdadeira interpretação da obra poética de Augusto dos Anjos.

Ninguém até então admitia tal hipótese. Os que assim pensavam, inclusive os que privaram da sua intimidade, fiavam-se no próprio poeta, que era o primeiro a declarar:

Não sou capaz de amar mulher alguma
Nem há mulher talvez capaz de amar-me.

Outras afirmações de igual teor consignou no *Eu*, como quem afeta superioridade em questões de amor. Apenas estava sufocando os conflitos da alma, porque ninguém despreza o amor senão quando tem o coração ferido. Dêle jamais se arrancaria uma palavra sobre o drama que o fez infeliz. Assim vai hermético até o fim e deixa que o tenham na conta de uma alma insensível aos encantos da vida. Guarda vigilante essa atitude mental, mas sempre transparece, aqui ou acolá, um tênue fio que a custo levará o investigador ao mundo sombrio, onde sua alma se debate, entre amor e ódio, num caso doloroso de consciência.

Foi uma tragédia para ele o seu primeiro amor, conforme demonstrei no ensaio a que já me referi. Nunca ninguém